

A ORDENAÇÃO DOS ADVERBIAIS MODALIZADORES EPISTÊMICOS NO PORTUGUÊS EUROPEU FALADO: UMA ABORDAGEM FUNCIONAL*

*Order of epistemic modal adverbials in European
Portuguese: a functional approach*

Aquiles Tescari Neto**
Erotilde Goreti Pezatti***

1. Introdução

Este trabalho estuda o posicionamento dos advérbios modalizadores epistêmicos do tipo *realmente, evidentemente, provavelmente, talvez, biologicamente, etc.*, em orações¹ do português europeu falado

* Este trabalho faz parte da pesquisa desenvolvida pelo primeiro autor, sob a orientação do segundo, com apoio da FAPESP (processo 3/9333-).

** Universidade Estadual Paulista (UNESP). Campus de São José do Rio Preto/SP.

1 Para este trabalho, investigamos apenas os modalizadores epistêmicos representados por advérbios ou locuções adverbiais (termos). Os epistêmicos que se manifestam sob a forma de oração não fazem parte do escopo de nossa pesquisa. Outrossim, os advérbios conectados a *frases nominais* – utilizando a terminologia tradicional –, i.e., aqueles que não se conectam a uma oração com o verbo expresso, não fazem parte do escopo deste trabalho.

(doravante PE), valendo-se, como arcabouço teórico, da Teoria da Gramática Funcional de Dik (doravante GF).

Na teoria da GF, os advérbios modalizadores epistêmicos (*asseverativos*, *quase-asseverativos* e *delimitadores*)² são denominados *satélites de nível três* (doravante σ_3), por atuarem na *camada proposicional* do modelo de Dik (1997), fornecendo as avaliações do falante (F, daqui em diante) perante o conteúdo proposicional por ele veiculado em um ato de fala. Na literatura lingüística, os advérbios que a GF entende como σ_3 tem sido denominados, de modo geral, *advérbios modalizadores* (Castilho; Moraes de Castilho, 2002) e *disjuntos atitudinais* (Greenbaum, 1969; Quirk et al., 1972), um subconjunto que a literatura insere no paradigma dos *advérbios sentenciiais* (Kato & Castilho, 1991; Ilari et al., 1996; Müller de Oliveira, 1993) ou *advérbios de frase* (Casteleiro, 1982).

Como este trabalho estuda os satélites epistêmicos, fundamentando a análise na Teoria da Gramática Funcional, faz-se necessária uma breve explanação sobre o *modelo de oração* de Dik (1997), conforme fazemos em 2.; em 3., fornecemos uma caracterização geral dos satélites epistêmicos, pormenorizando sua manifestação nos materiais do PE; em 4., discutimos o posicionamento de cada subtipo de satélite epistêmico (asseverativos, quase-asseverativos e delimitadores). Na seção 5., apresentamos as nossas conclusões sobre a ordenação dos satélites modalizadores no PE.

2. Fundamentação teórica

A GF, por ser uma teoria caracterizada pela integração dos componentes sintático, semântico e pragmático, apresenta um esquema abstrato de descrição que considera tanto as propriedades formais quanto as propriedades semânticas da oração. Para fazer jus a essas propriedades formais e semânticas, a teoria assume que a oração deve ser descrita em termos de uma *estrutura de oração subjacente* (abstrata), a qual, para ser atualizada em uma *expressão lingüística* real, submete-se a um conjunto de regras de expressão, que determinam a forma, a ordem e o padrão de ordenação dos constituintes presentes na *estrutura subjacente* (Pezatti, 2004), de acordo com o esquema a seguir.

2 Neste trabalho, acolhemos de Castilho e Moraes de Castilho (2002) a classificação dos epistêmicos em asseverativos, quase-asseverativos e delimitadores.

Estrutura de oração subjacente

Regras de Expressão

Expressões Lingüísticas

Esquema 1– *Modelo de Oração* (Dik, 1997, p. 49)

Dik (1997) reconhece a *estrutura subjacente da oração* como uma estrutura complexa em que níveis ou camadas de organização formal e semântica devem ser distinguidos:

Nível interpessoal:

4.^a camada: ILOCUÇÃO (ato de fala) - σ_4 ; π_4 - ilocução

3.^a camada: PROPOSIÇÃO (fato possível) - σ_3 ; π_3 -proposição

Nível Representacional:

2.^a camada: PREDICAÇÃO (Estado de coisas) σ_2 ; π_2 - predicação estendida

1.^a camada: PREDICADO (propriedade/relação) σ_1 ; π_1 -predicação central
PREDICADO; TERMOS - predicação nuclear

Esquema 2 – *Estrutura de Oração Subjacente*

Essa representação da estrutura subjacente da oração em camadas implica considerar que todo enunciado pode ser analisado em dois níveis: o nível *representacional* e o *interpessoal*. O nível *representacional* trata da descrição de um EsCo ao qual F deseja referir-se e congrega as duas primeiras camadas do modelo. O nível *interpessoal* trata do modo como é representada por F, ao destinatário (D), a informação relacionada à interpretação.

A GF admite, ao reconhecer a estrutura subjacente da oração como uma estrutura em camadas, a existência de constituintes de natureza adverbial que operam em cada um desses quatro níveis da estrutura subjacente. Esses adverbais, denominados *satélites* pela GF, são os meios lexicais opcionais que transmitem informações adicionais acerca de uma das camadas do modelo de oração (Dik et al., 1990, p. 26). Cada tipo de satélite tem funções características do nível em que aparece. Deste modo, σ_1 especificam propriedades da estrutura interna de um EsCo (*modo, velocidade, qualidade*); σ_2 especificam o quadro externo de um EsCo (*tempo, lugar, causa*) (Hengeveld, 1997, p. 125); σ_3 servem para exprimir a atitude de F perante o conteúdo proposicional por ele veiculado em um ato de fala; σ_4 modificam a estratégia comunicativa do falante.

Neste artigo, nosso interesse se volta, conforme já explicamos, à descrição do posicionamento dos σ_3 epistêmicos. Dik (1990, p. 35) assim define os σ_3 : “ σ_3 são mecanismos lexicais por meio dos quais o falante avalia (parte de) o conteúdo proposicional por ele veiculado em um ato de fala.” σ_3 são, portanto, advérbios modalizadores: ao atuarem no nível interpessoal, servem como um recurso de *modalização* – aqui entendida como um mecanismo de que se vale o falante para sinalizar/indicar suas atitudes, intenções, sentimentos (Koch, 1993) –, mais especificamente de modalização epistêmica – i.e., de uma qualificação do conteúdo proposicional em que F explicita seu comprometimento para com a verdade do conteúdo proposicional (Lyons, 1977).

3. Os σ_3 epistêmicos nos materiais do PE

Os satélites de natureza epistêmica presentes na *corpus* correspondem a 139 advérbios (asseverativos, quase-asseverativos e delimitadores). De maneira geral, os modalizadores epistêmicos expressam uma avaliação de F perante o conteúdo proposicional, avaliação essa que pode exprimir matizes de certeza ou ratificação da proposição, no caso dos *asseverativos*, ou matizes de dúvida, incerteza, no caso dos quase-asseverativos; os *delimitadores*, por sua vez, especificam os limites dentro dos quais a informação contida no conteúdo proposicional deve ser entendida (são denominados *advérbios sectoriais* por Casteleiro (1982)). σ_3 *asseverativos* se diferenciam dos *quase-asseverativos* em termos do *grau de comprometimento do falante*, porquanto se F utiliza um asseverativo, o seu grau de comprometimento para com o conteúdo proposicional é maior do que se ele utiliza um quase-asseverativo.

Conforme se pode observar na Tabela 1, abaixo, a emergência de satélites epistêmicos asseverativos é maior, mesmo se comparada à emergência de satélites quase-asseverativos somados aos delimitadores.

Tipo	n.	%
$\tilde{\sigma}_3$ Asseverativos	100	71,94
$\tilde{\sigma}_3$ quase -asseverativos	17	12,23
$\tilde{\sigma}_3$ delimitadores	22	15,83
Total	139	100

Tabela 1 – Satélites modalizadores epistêmicos

3.1. σ_3 Epistêmicos Asseverativos

Por meio de atitudinais asseverativos, F ratifica e enfatiza a proposição, o que configura uma maior adesão para com o conteúdo proposicional. Em nosso *corpus*, fizeram-se presentes os seguintes atitudinais epistêmicos asseverativos (Tabela 2):

Asseverativo	n.	%
Realmente	36	36
Mesmo	17	17
Evidentemente	16	16
Claro	8	8
Naturalmente	4	4
Certamente	3	3
No fundo	3	3
Com certeza	2	2
Outros ³	11	11
Total	100	100

Tabela 2 – Satélites Asseverativos

Os dados da Tabela 2 nos mostram que a maioria dos satélites asseverativos é representada por advérbios, conforme se verifica em (02) a (04); as locuções adverbiais tiveram uma emergência bem restrita, apenas 11,11% do total de advérbios epistêmicos asseverativos (01).

(01) Mas devia ser perigoso [o passeio entre os cabritos, rinocerontes, elefantes], *com certeza* que era, não dava nenhuma sensação de, de grande segurança (0300:47-48)⁴

3 Esses “outros” asseverativos referem-se aos que tiveram apenas uma ocorrência: aparentemente, efetivamente, em certa medida, em geral, em grande parte, na prática, na realidade, no conjunto, nitidamente, positivamente, terminantemente.

4 Os números entre parênteses, após as transcrições, referem-se respectivamente ao número do inquérito e ao número das linhas, sendo que o número do inquérito separa-se do número das linhas por meio de dois pontos; a seqüência das linhas é indicada pelo hífen.

(02) [...] aquilo é uma velha espantosa, porque é uma velha *mesmo*, quer dizer, porque a gente já... (0589:19-2)

(03) [...] *Evidentemente* que hoje em dia, o desporto como o futebol, é todo ele profissional [...]. (0386:51-53)

(04) O francês é obrigatório, *claro*. (0337:13)

Como se observa por meio dessas ocorrências, os σ_3 *asseverativos* ratificam o conteúdo proposicional; atuam, por assim dizer, “modalizando” o conteúdo proposicional. Em (01) e (02), respectivamente, o informante vale-se da locução adverbial *com certeza* e do advérbio *mesmo* para mostrar que considera de fato verdadeiro o conteúdo proposicional expresso. Deve-se notar que *mesmo* admite, além deste valor prototípico de σ_3 *atitudinal epistêmico asseverativo*, um valor paragógico de *advérbio focalizador*, já que essa *partícula* realiza uma operação de *verificação por coincidência com um protótipo* (em termos de Ilari (2002)).

3.2. σ_3 Epistêmicos Quase-asseverativos

Os satélites de natureza quase-asseverativa denotam um comprometimento menor de F em relação ao conteúdo proposicional. Por meio desses advérbios, o conteúdo proposicional é apresentado por F como uma possibilidade epistêmica. A Tabela 3 resume os resultados obtidos:

Quase-asseverativo	n.	%
Talvez	10	58,83
Possivelmente	3	17,65
Provavelmente	1	5,88
Porventura	1	5,88
Às vezes	1	5,88
Aparentemente	1	5,88
Total	17	100

Tabela 3 – Satélites Quase-asseverativos

Conforme se pode observar na tabela acima, *talvez* foi o quase-asseverativo mais freqüente. (5) e (6) abaixo exemplificam satélites dessa natureza.

(05) Procurámos realmente nos primeiros dias insistir em que ela continuasse a ir, convencidos que *possivelmente* o conflito rapidamente o conflito se sanava por si próprio, que é natural em miúdos, e *talvez* até estava baseado em alguns... livros que, da especialidade [...] (0416:08-10)

(06) *Doc* – quais são os países que prefere da Europa?

Inf – Bem, prefiro *talvez* o que conheço melhor, não é [...]? (0459:01-02)

Os satélites *possivelmente* (05) e *talvez* de (05) e (06) tomam por escopo toda a sentença que os segue, de modo a expressar a atitude de incerteza por parte de F.

3.3. σ_3 Epistêmicos Delimitadores

Os σ_3 *delimitadores*, geralmente parafraseáveis pela estrutura [*do ponto de vista* de + adjetivo], especificam a perspectiva ou os limites dentro dos quais o conteúdo proposicional deve ser considerado (Hengeveld, 1997). São σ_3 , visto que tomam a proposição como argumento. Além disso, como afirma Greenbaum (1969), os disjuntos⁵ do tipo *basicamente*, *teoricamente*, etc. não admitem as paráfrases que os *style disjuncts* (σ_4) admitem.⁶ Em (07), por exemplo, a paráfrase comumente aplicável a σ_4 (por meio de um verbo *dicendi*) não se aplica ao delimitador a nível *lingüístico*, conforme demonstra (07’):

(07) (A informante comentava a situação de trabalhadores portugueses em fábricas alemãs:)

Evidentemente que, a nível *lingüístico* não há a mínima possibilidade de comunicação, só há a mímica. (0337:35-37).

(07’) * Evidentemente que, eu estou falando *lingüisticamente* quando digo que não há a mínima possibilidade de comunicação...

5 No trabalho de Greenbaum (1969), os *disjuntos* – que na teoria da GF correspondem aos satélites do nível *interpessoal* (σ_3 e σ_4) – são subclassificados em *attitudinal disjuncts* e *style disjuncts*: aqueles correspondem aos nossos σ_3 ; estes, aos σ_4 . É importante acrescentar que a nomenclatura *attitudinal disjuncts* de Greenbaum abarca não apenas os σ_3 que, na teoria da GF são ditos *attitudinais*. Os σ_3 do tipo *delimitadores* também integram o paradigma dos *attitudinal disjuncts* de Greenbaum.

6 Greenbaum (1969, p. 82; 110) explica que aos *style disjuncts* (σ_4) pode ser aplicado um teste sintático que consiste em uma paráfrase por meio de uma oração com um verbo *dicendi*. Em: “*Confidencialmente*, ela é muito estúpida” (ibid., p. 82), o adverbial grifado é um σ_4 , por aceitar a paráfrase: “*Eu estou falando confidencialmente quando digo que ela é muito estúpida*”.

O mesmo se verifica em (08) e (09).

(08) (O informante falava das habilidades de esportistas africanos:)

[...] mas, *individualmente* têm alguns elementos muito bons. (0386:28-29)

(09) No entanto, acho que o, que a, esse campo da biologia molecular...
do ponto de vista prático de, de, de, quer dizer, da investigação experimental,
é, é, como qualquer outro, não é? (0524:11-13).

Os delimitadores de nosso *corpus*, que corresponderam a 15,83% do total de satélites epistêmicos, foram representados por 22 advérbios (12 advérbios e dez locuções advérbias): *praticamente* (3 ocorrências), *a(o) nível (de)* (3 ocorrências), *profissionalmente* (2 ocorrências); com uma única ocorrência: *de certo modo; do ponto de vista de; duma maneira geral; em certa medida; em matéria de; fundamentalmente, individualmente; materialmente; nessa perspectiva; neuroticamente; no aspecto prático; oficialmente; propriamente; quantitativamente.*

4. A ordenação dos σ_3 Epistêmicos no PE

Dik (1981) propôs o seguinte esquema de ordenação linear de constituintes na oração:⁷

(10)

P2, P1 (V) S (V) O (V), P3

Entretanto, em nossa pesquisa, confrontamo-nos com advérbios cujo posicionamento na estrutura da oração não poderia ser abrangentemente caracterizado se levássemos em conta o esquema proposto por Dik (1981). Em virtude disso, para nossa análise dos satélites epistêmicos, esse esquema foi expandido, de modo a tratar com mais precisão do posicionamento de nossos satélites na estrutura linear da oração (10')

(10')

P1	1	2	S	3	V	4	O	5	6	F
----	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

7 Neste esquema, P2 e P3 são posições reservadas aos Constituintes Extra-Oracionais *Tema* e *Antitema*, respectivamente.

Em que:

P1: corresponde à posição ocupada por palavras-QU, conjunções subordinativas, pronomes relativos, podendo abrigar também constituintes com as funções de *Tópico* ou *Foco*, caso constituintes-Qu não se façam presentes na predicação (Pezatti; Camacho, 1997).

1: posição mais à esquerda;

2: posição imediatamente antes de S (se S estiver expresso e anteposto a V);

S: posição do Sujeito;

3: posição entre S e V.

V: posição ocupada pelo *predicado*. Em termos de Dik (1997), os predicados designam propriedades de ou relações entre tais entidades e podem ser representados por um *Verbo*, *Adjetivo* ou *Nome*;

4: posição entre V e O;

O: posição do Objeto;

5: posição imediatamente posterior a O;

6: posição imediatamente posterior a 5, mas antes da posição final.

F: “posição final”; refere-se a constituintes alocados na zona-esquerda mais periférica da sentença.

4.1. σ_3 Epistêmicos Asseverativos

A Tabela 4 apresenta a distribuição dos asseverativos por posição em nossos materiais.

	n.	%
1	39	39
F	17	17
3	23	23
V	8	8
O	2	2
4	11	11
Total	100	100

Tabela 4 – Distribuição dos asseverativos por posição

Nos materiais do PE, os σ_3 asseverativos tiveram, de modo geral, uma ligeira preferência pela posição 1, conforme exemplificado em (11) e (12). Adicionando-se ao percentual de asseverativos em 1, os números para os asseverativos alocados em F (as ocorrências (13), (14) e (02) – já dada – exemplificam satélites alocados em F), obtemos um total de 56% dos σ_3 asseverativos alocados em posições periféricas, número por nós considerado “baixo”, porquanto σ_3 e σ_4 (satélites pertencentes ao *nível interpessoal*) tendem, por tomarem como escopo toda a oração, a se alocarem em posições periféricas (1 ou F).⁸

(11) *Evidentemente* os índios, pá, ficaram tramados com a história [...] (1369:12-13).

(12) Então vou pá escola embora *realmente* esteja em oposição com a professora (0416:41-42).

(13) E o que aconteceu a mim aconteceu a outras também, *claro* (0304:57).

(02) [...] aquilo é uma velha espantosa, porque é uma velha *mesmo*, quer dizer, porque a gente já... (0589:19-20).

(14) Outro dia comprei carne de porco para assar e, era bastante dura, era muito dura *mesmo*, não sei, nunca vi carne de porco assim dura. (0414:18-20).

É interessante notar o emprego do adjetivo *claro*, em (15), como advérbio, modificando toda a oração. Para (02) e (14), reconhecemos que o advérbio *mesmo* exerce duas funções: (i) uma função prototípica de asseverador do conteúdo proposicional, revelando-se como σ_3 asseverativo (cf. as paráfrases (02’) e (14’)) e (ii) uma função de partícula focalizadora – valor paragógico – (cf. as paráfrases (02’’) e (14’’)); neste último valor, *paragógico* (em termos de Castilho & Moraes de Castilho (2002)), o uso do advérbio *mesmo* de (02) e (14) é entendido por Ilari (2002) em termos de uma operação de “verificação por coincidência com um protótipo”. Em (14), mais particularmente, parece-nos que o valor paragógico “flutua” entre uma focalização e uma intensificação do predicado.

(02’) [...] aquilo é uma velha espantosa, porque *de fato/realmente/verdadeiramente* é uma velha, quer dizer, porque a gente já...

(02’’) [...] aquilo é uma velha espantosa, porque é *exatamente* uma velha, quer dizer, porque a gente já...

8 Na literatura lingüística, esses advérbiais são referenciados como *advérbios de sentença* (doravante AdvS), justamente em virtude do fato de eles escaparem toda a *oração*. Na teoria da GF, não se utiliza essa denominação (AdvS), em virtude do fato de o termo *Sentença* ser empregado pela GF para se fazer referência não apenas à *Oração: constituintes extra-oracionais* (CEOs) como *Tema, Antitema* também integram, em uma análise funcionalista, a estrutura de uma *Sentença*. Neste trabalho, ao nos referirmos, portanto, aos AdvS, nós os consideraremos AdvS nos termos correntes da *literatura lingüística*, ou seja, entenderemos, aqui, por *Sentença*, o equivalente à *Oração (Clause)* da GF, em decorrência do fato de neste artigo não trabalharmos, conforme já mencionamos (cf. nota 1), com CEOs e *frases nominais*.

(14') Outro dia comprei carne de porco para assar e, era bastante dura, *de fato/realmente/verdadeiramente* era muito dura, não sei, nunca vi carne de porco assim dura.

(14'') Outro dia comprei carne de porco para assar e, era bastante dura, era *exatamente* muito dura, não sei, nunca vi carne de porco assim dura.

Sobre os asseverativos intra-sentenciais, acreditamos que a adjacência das posições intra-sentenciais com o predicado explica o fato desses satélites se “internarem” na sentença: dada a importância do predicado na estrutura da sentença, o advérbio – embora tenda a tomar toda a proposição como escopo –, posiciona-se o mais próximo possível dele (posições 3, V, 4 e O). Em termos funcionais, esse posicionamento de satélites nas órbitas do predicado explica-se à luz do “Princípio de Proximidade do Núcleo” (Dik, 1997), que explicaremos com mais vagar nas seções seguintes. (15) exemplifica um asseverativo alocado em 3; (16), um asseverativo alocado na estrutura sintagmática de V.

(15) [...] eles estavam *realmente* aflitos [...] (0419:65).

(16) E digo logo: Ah bom, então tenho *mesmo* que dar a matéria para eles chegarem ao fim e saberem, saberem, saberem pra passar, não é [...] (0452:08-09).

Em (15), o advérbio *realmente* “internado” na sentença é um exemplo claro de co-ocorrência de funções: desenvolve um valor prototípico de asseverador da sentença e um valor paragógico de focalização – conforme já atestado no português brasileiro por Castilho & Moraes de Castilho (2002), Castilho (2000) e no inglês (advérbio *really*) por Greenbaum (1969) –, a saber, uma operação por verificação de coincidência com um protótipo, parodiando Ilari (2002). Conforme explicamos, o fato de a posição 3 imediatamente preceder o predicado, implica que essa posição seja preenchida também por σ_3 asseverativos. Esse fato, associado à possibilidade de emergência de valores paragógicos – grande parte dos advérbios alocados em 3 admitem esse valor (82,60% dos σ_3 asseverativos aceitam a co-ocorrência dos valores prototípico e paragógico nessa posição, sendo que 52,63% desses advérbios são representados pelo advérbio *realmente*) – explica o posicionamento dos σ_3 asseverativos na estrutura interna da sentença.

De modo geral, está aqui caracterizada a ordenação dos σ_3 asseverativos nos inquiridos do PE. A maioria dos asseverativos (56%) aloca-se em posições periféricas, posição que revela a vocação desses satélites de escaparem a sentença. Nas posições “intra-sentenciais”, o percentual considerável de satélites foi explicado em termos da co-ocorrência dos valores prototípico e paragógico, associado à adjacência satélite-predicado.

4.2. σ_3 Epistêmicos quase-asseverativos

Nos materiais do Português Fundamental, foi constatada uma preferência majoritária dos σ_3 quase-asseverativos pela posição 1. A posição 3 foi a segunda preferida por esses advérbios (Tabela 5):

Posição	n.	%
1	12	70,58
3	3	17,64
4	1	5,89
V	1	5,89
Total	17	100

Tabela 5 – Distribuição dos σ_3 quase-asseverativos

Essa preferência majoritária dos σ_3 quase-asseverativos pela posição 1 indica a vocação desses advérbios para atuarem como AdvS (ocorrências 17 e 18). O “comportamento” do σ_3 quase-asseverativo *talvez* – representante prototípico desta classe nos inquéritos do PE investigados –, que, em 70% das ocorrências, alocou-se em 1, permite-nos classificá-lo como AdvS, ponto de vista que, conforme assinalamos em outra oportunidade (Tescari Neto, 2004a), diverge do proposto por Castilho & Moraes de Castilho (2002) para esse modalizador. Esses autores relutam em considerar como AdvS o σ_3 quase-asseverativo *talvez*, por eles classificado como advérbio de constituinte (AdvC) (Castilho & Moraes de Castilho, 2002, p. 229).

(17) A Iolanda até tinha insistido comigo pra eu comer um ovo estrelado mas eu disse-lhe que não, porque *provavelmente* far-me-ia mal ao figado. (0438:11-13).

(18) a informante relatava sua experiência nos EUA à procura de emprego:
[...] então em todos os lugares me disseram que era uma altura muito má/*talvez* daqui a um ano ou dois fosse possível [...] (0419:58-60).

A aceitabilidade, nessas ocorrências, da paráfrase “é provável que” evidencia a natureza quase-asseverativa desses advérbios, os quais claramente tomam por escopo toda a oração.

Para os satélites *quase-asseverativos* alocados em posições *intra-sentenciais* (3, 4 ou V), vale a observação que fizemos aos σ_3 asseverativos: a adjacência com o predicado explica o posicionamento desses σ_3 nessas posições (*Princípio de Proximidade do Núcleo*).

4.3. σ_3 Epistêmicos Delimitadores

A tabela abaixo apresenta-nos a distribuição dos advérbios delimitadores nos inquéritos do PE utilizados em nossa pesquisa.

	n.	%
1	11	50
F	4	18,18
3	2	9,09
4	5	22,73
Total	22	100

Tabela 6 – Distribuição dos σ_3 delimitadores no PE

Pelos dados da tabela, observa-se que os satélites delimitadores manifestaram uma preferência por posições periféricas (68,18% dos delimitadores alocam-se nas posições 1 e F, conforme exemplificam, respectivamente (19) e (20)), fato que nos levou, em outra oportunidade, a considerar os delimitadores de nosso *corpus* como AdvS (Tescari Neto, 2004b), proposta que diverge das considerações de Castilho & Moraes de Castilho (2002) que relutam em considerar os *delimitadores* em *-mente* como AdvS. Esses autores relutam em considerar os *delimitadores* como AdvS, pelo fato de esses advérbios: (i) não admitirem as paráfrases que os modalizadores epistêmicos (típicos AdvS) admitem: “*é prático que “Coisas Novas” passou em todas as cidades brasileiras”, “* falando biologicamente, a comunidade dos homens...” (Castilho & Moraes de Castilho, 2002, p. 235); e (ii) aceitarem figurar no início de sentenças interrogativas: “*teoricamente...* a gente não tem controle rígido sobre os computadores?” (id.).

Os estudiosos da área freqüentemente procuraram caracterizar os advérbios como AdvS ou advérbios de constituinte (AdvC) consoante a aplicação de uma série de “testes sintáticos” como esses fornecidos em Castillho & Moraes de Castillho (2002). Em Casteleiro (1982) e em Müller de Oliveira (1993) – autores que consideram os advérbios que aqui denominamos *delimitadores* como AdvS (*advérbios de frase* em Casteleiro) – uma série desses “testes sintáticos” são fornecidas. Em nosso trabalho, valemo-nos, entretanto, do posicionamento dos advérbios quase-asseverativos e delimitadores na estrutura linear das sentenças, ao classificá-los como AdvS, atitude que revela um ponto de vista estritamente empírico-funcional (ponto de vista que elege o “uso real da língua” nas descrições.

(19) *Ao nível, por exemplo, mesmo de doenças, haverá mais freqüência de determinadas doenças na Capital do que na província ou vice-versa?* (0453:30-31).

(20) (O informante foi indagado pelo documentador se as teorias freudianas não seriam circunstanciadas pela época:)

Nunca tinha visto *nessa perspectiva*... (0349:47-48).

As posições I e F são, juntas, responsáveis por 68,18% das ocorrências dos σ_3 delimitadores em nosso *corpus* do PE, o que ratifica a nossa proposta que postula, para os σ_3 delimitadores, o estatuto prototípico de AdvS. Esse quadro explica-se, em termos funcionais, à luz do “Princípio de Ordenação Icônica” (Dik, 1997). Essa “tendência” dos AdvS de modo geral (e dos delimitadores, para este caso) de se alocarem em posições periféricas (P1 ou PF) revela a vocação desses constituintes de escoparem a sentença, revelando-se como verdadeiros AdvS. No entanto, embora “internando-se” na sentença, os σ_3 delimitadores não deixam de circunscrever os limites dentro dos quais deve ser interpretada a proposição. São verdadeiros “estratagemas” alçados por F para que seu(s) interlocutor(es) fixe(m) os limites dentro dos quais a proposição deve ser entendida (21).

(21) [...] a maioria das pessoas, muitas vezes até vai ali para resolver já *ao nível de, de Estados Unidos da América* digamos, para resolver problemas que, no fundo, ultrapassam, em certa medida, os problemas psiquiátricos. (0453:40-42).

5. Palavras finais

Alocados em posições periféricas, os σ_3 epistêmicos deixam evidente, conforme comentamos, o seu estatuto sintático de AdvS: 70,58% dos quase-asseverativos alocaram-se na periferia da sentença. Dos delimitadores, 68,18% alocaram-se em posições periféricas, o que nos evidencia a vocação desses advérbios de atuarem como AdvS. O posicionamento dos σ_3 epistêmicos, como um todo, na periferia da sentença, que evidencia essa vocação desses constituintes de atuarem como AdvS, explica-se, conforme mencionamos, em termos funcionais, à luz do “Princípio de Ordenação Icônica” (Dik, 1997). Se o escopo do satélite epistêmico é toda a proposição, é natural que esse satélite ocupe ou a posição 1 ou a posição F. Esse Princípio de Ordenação Icônica de Dik, aplicado aos nossos satélites, seria bem explicado à luz da “Lei da Ordem natural das coisas”, que já se tornou lugar-comum.

Sobre os *epistêmicos asseverativos*, o percentual desses advérbios alocados em posições periféricas (56%) contrariou as nossas expectativas alçadas no início da pesquisa. No entanto, esses advérbios, mesmo alocando-se em posições intra-sentenciais, preservam seu papel de asseverador do conteúdo proposicional. No subgrupo dos σ_3 asseverativos, confrontamo-nos com o advérbio *realmente*, cuja preferência por posições *intrasentenciais* (61,11% dos advérbios *realmente* alocam-se na estrutura interna da sentença) não “inibe” a atuação deste satélite como advérbio de sentença; pelo contrário, nessas posições há uma co-ocorrência de valores prototípico (de advérbio asseverativo sentencial) e paragógico (focalização e intensificação), ou seja, mesmo “internando-se” na estrutura sentencial, alguns advérbios – como é o caso do advérbio *realmente* (Tescari Neto, 2004c) – continuam gerando efeitos de asseveração do conteúdo proposicional, conforme já observado para o português brasileiro por Castilho & Moraes de Castilho (2002).

De modo geral, está aqui caracterizada a ordenação dos σ_3 nos inquiridos do PE. A maioria desses satélites (65,1%) aloca-se em posições periféricas, o que revela a vocação desses advérbios de escoparem a sentença, o que se explica em termos do “Princípio de Ordenação Icônica”. Nas posições *intrasentenciais*, o percentual considerável de advérbios epistêmicos foi explicado em termos da adjacência satélite-predicado (“Princípio de Proximidade do Núcleo”) e, para alguns casos (a exemplo das ocorrências que envolveram o advérbio *realmente*), em termos da co-ocorrência dos valores prototípico e paragógico desempenhado pelo advérbio.

RESUMO

Neste trabalho, o objetivo é estudar a ordenação dos advérbios modalizadores epistêmicos (asseverativos, quase-asseverativos e delimitadores) no português europeu falado, valendo-se da Gramática Funcional (Dik, 1997) como fundamentação teórica. Na teoria da Gramática Funcional, os advérbios modalizadores epistêmicos são denominados satélites proposicionais, os quais expressam uma avaliação do falante perante o conteúdo proposicional. Para a análise do posicionamento dos modalizadores epistêmicos no português europeu, valemo-nos dos materiais do *Projeto Português Fundamental*, desenvolvido pela Universidade de Lisboa (constituído de 40 inquéritos), considerando as seguintes posições (possíveis) para os advérbios ocuparem na estrutura linear da sentença: 1 (inicial), 2, S (geralmente primeiro argumento), 3, V (predicado), 4, O (geralmente segundo argumento), 5, 6, F (final). Dos satélites epistêmicos asseverativos, 56,56% alocaram-se em posições periféricas; dos quase-asseverativos, 70,58% alocaram-se nessas posições; os delimitadores posicionados na periferia da sentença foram representados por 68,18% do total de modalizadores delimitadores. Essa preferência dos advérbios epistêmicos por posições periféricas explica-se pelo fato de os satélites epistêmicos tomarem como escopo toda a proposição (o que se traduz, em termos funcionais, à luz do *Princípio de Ordenação Icônica*, proposto em Dik (1997)). O posicionamento de alguns advérbios epistêmicos em posições intra-sentenciais, explica-se em virtude da adjacência com o predicado (*Princípio de Proximidade do Núcleo*) e, para algumas ocorrências, em virtude da co-ocorrência dos valores prototípico e paragógico desempenhados pelo advérbio.

Palavras-chave: advérbios modalizadores epistêmicos, ordem, Gramática Funcional.

ABSTRACT

The aim of this study is to analyse the ordering of the epistemic modal adverbials (assertive, almost-assertive and hedges) in spoken European Portuguese. In light of the Theory of Functional Grammar (Dik, 1997). In Functional Grammar theory, epistemic adverbials are called propositional satellites which express some judgement of the speaker in relation to propositional content. For the analysis of the epistemic modal adverbials ordering in European Portuguese, data from the *Projeto Português Fundamental*, developed by *Universidade de Lisboa* were used (the data consists of 40 interviews). The following (possible) positions where the satellite can position in the superficial structure of the sentence were considered: 1 (initial), 2, S (generally first argument), 3, V (predicate), 4, (generally second argument), 5, 6, F (end). From the assertive satellites, 56,56% were placed in peripheral positions; of the almost-assertive ones, 70,58% were placed in those

positions; hedges, positioned in the periphery of the sentence, represented by 68,18% of the total of modal hedges. The epistemic adverbials preference for peripheral positions is explained by the fact of epistemic satellites take as their target the entire proposition (according to the “Principle of Iconic Ordering”, proposed by Dik (1997)). The intra-sentential positioning of some epistemic adverbials can be explained in terms of the proximity with the predicate (“The Principle of Head Proximity”) and, for some occurrences, it can be explained by the co-occurrence of prototypical and paragogic values attributed by the adverb.

Key-words: epistemic modal adverbials, ordering, Functional Grammar.

REFERÊNCIAS

- CASTELEIRO, João Malaca. Análise gramatical dos advérbios de frase. *Biblos (Coimbra)*, 1982, p. 99-109.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. O modalizador *realmente* no português falado. *Alfa (São Paulo)*, v. 44, p. 147-169, 2000.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de; MORAES DE CASTILHO, Célia. M. Advérbios modalizadores. In: ILARI, R. (Org.) *Gramática do português falado*. vol.2: Níveis de análise linguística.. Campinas: Unicamp, 2002, p. 199-247.
- DIK, Simon C. *Functional Grammar*. Dordrecht/Cinnaminson: Foris Publications, 1981.
- _____. *The Theory of Functional Grammar*. Part 1: The Structure of the Clause. Edited by Kees Hengeveld. 2nd, rev.ed. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997.
- DIK, Simon. C. et al. The Hierarchical Structure of the Clause and the Typology of Adverbial Satellites. In: NUYS, J.; BOLKESTEIN, A. M.; VET, C. (Eds). *Layers and levels of representation language theory: A functional view*. John Benjamins Publishing Company: Amsterdam/Philadelphia, 1990.
- GREENBAUM, Sidney. *Studies in Adverbial English Usage*. London: Longmans, 1969.
- HENGEVELD, Kees. Adverbs in Functional Grammar. In: WOTJAK, G. (Ed.) *Toward a functional lexicology*. Tübingen: Niemeyer, 1997, p. 121-136.
- ILARI, Rodolfo. Sobre os advérbios focalizadores. In: ____ (Org.) *Gramática do português falado*. vol.2: Níveis de análise linguística. Campinas: Unicamp, 2002, p. 181-198.
- ILARI, Rodolfo. et al. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, A. T. de (Org.). *Gramática do português falado*. Vol.1: A ordem. 3.ed. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Fapesp, 1996, p. 63-141.

TESCARI NETO, A.; PEZATTI, E. G. A ordenação dos advérbios modalizadores...

KATO, Mary A.; CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Advérbios modalizadores: um novo núcleo predicador? *DELTA (São Paulo)*, v.7, p. 409-424, 1991.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1987.

LYONS, John. *Semantics*. v.2. London, New York, Melbourne: Cambridge University Press, 1977.

MÜLLER DE OLIVEIRA, Gilvan. Os advérbios sentenciais e os testes sintáticos. *Letras (Santa Maria/RS)*, v.5, p. 101-120, jan/jun, 1993.

PEZATTI, Erotilde Goreti. O funcionalismo em lingüística. In: *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. v.3. São Paulo: Cortez, 2004.

PEZATTI, Erotilde Goreti.; CAMACHO, Roberto Gomes. Aspectos funcionais da ordem de constituintes. *D.E.L.T.A. (São Paulo)*. v.13, n. 2, 1997, p. 191-214.

QUIRK, Randolph. *et al. A grammar of the contemporary english*. London: Longman, 1972.

TESCARI NETO, Aquiles. Um ponto de vista funcional sobre o posicionamento dos satélites de nível três quase-asseverativos no português europeu. *Mosaico (São José do Rio Preto/SP)*, v.3., n.2, p. 127-139, 2004a.

_____. A ordem em função da classificação: um estudo funcional dos satélites de nível três delimitadores como advérbios de sentença. *Ao pé da letra (Recife/PE)*, 2004b. (mimeo).

_____. Sobre o posicionamento do satélites de nível três *realmente* no português europeu. SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA, 1., 2004. Uberlândia. Anais... Uberlândia (UFU), 2004c (em análise).